

De Amélia a Maria da Vila Matilde: o empoderamento feminino através da MPB¹

Júlia Afonso Lyra²

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

O artigo em questão tem como finalidade discutir a situação da mulher na sociedade brasileira, em especial da negra, e como esta figura tem encontrado na mídia um ambiente de denúncia do machismo estrutural. Nesse sentido, a noção de empoderamento (a partir de Castells e Moscovici) tem ganhado cada vez mais repercussão, podendo ser encontrada, inclusive, dentro da Música Popular Brasileira (MPB). Apresentamos, aqui, como a música “Maria da Vila Matilde”, da cantora Elza Soares, pode ser considerada como uma ferramenta fundamental no processo de alteração dessas relações verticalizadas. Constitui-se uma análise de cunho histórico-cultural da trajetória de Elza Soares a partir da correlação com a formação do patriarcalismo e da situação da mulher negra como relatados por Gilberto Freyre em “Casa Grande & Senzala”.

Palavras-chave: poder; representatividade; empoderamento; MPB; Elza Soares.

Introdução

Na sociedade contemporânea, marcada pela crise das instituições políticas tradicionais, os meios de comunicação funcionam como importante instrumento de propagação de poder. Assim, os que detêm os meios – em sua grande maioria, uma elite formada por homens brancos – são os responsáveis pelas ideologias disseminadas no discurso midiático, as quais são extremamente relacionadas aos valores conservadores em vigência na sociedade. A hegemonia funciona por exclusão e marginalização, assim como por afirmação de posições ideológicas específicas (KELLNER, 2001, p. 149) e, dessa forma, as chamadas minorias sociais – quando se encontram nos discursos da mídia – são, ora representadas de maneira estigmatizada, ora completamente invisibilizadas através de papéis subalternos.

A cultura da mídia é, então, responsável por fornecer a base sobre a qual muitos indivíduos constroem as suas noções de mundo, envolvendo os diferentes aspectos ligados às nossas próprias identidades (KELLNER, 2001, p. 9). Por isso, contribui na determinação do que seja o “Outro”, constantemente taxado como fora dos limites do “normal” pelo simples

¹ Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces comunicacionais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 01 de julho de 2017.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFPE, email: juulialyra@gmail.com. Artigo realizado para a disciplina de Sociologia da Comunicação, sob a orientação do professor Dr. Thiago Soares.

fato de ser diferente. Em contrapartida, especialmente devido ao surgimento de meios alternativos – desvinculados do grande capital e propiciados pela ascensão da Internet – novos atores sociais passaram a ter mais voz ativa na sociedade, participando de um processo de reversão, ou pelo menos atenuação, do fluxo de poder tradicional.

Entre as estruturas de poder e dominação presentes em nossa sociedade encontra-se o patriarcalismo, que, apesar de ser reforçado em boa parte pelas informações e representações disseminadas nos meios de comunicação de massa, têm sua origem na implantação do sistema colonial português. Assim, o modelo de família patriarcal foi estabelecido no Brasil desde o começo da colonização, constituindo-se como um elemento básico da formação social do país que perdura até os dias de hoje. Conseqüentemente, a subjugação feminina pode ser considerada como um traço bastante arraigado em nosso meio, sendo que esta situação torna-se ainda mais crítica quando envolve a mulher negra.

Neste artigo, será discutida a importância de se existir uma artista como Elza Soares, cuja vida representa bem as dificuldades e preconceitos sofridos por uma mulher negra no Brasil, criticando abertamente o machismo e incentivando a denúncia da violência contra a mulher através da MPB. A música a ser analisada faz parte de seu último disco, intitulado de “A mulher do fim do mundo”, ganhador de diversos prêmios desde o seu lançamento.

Elza soares: a mulher do fim do mundo

Considerando as versões online de jornais e também portais de grande acesso, não é raro encontrar referências que exaltem o caráter firme de Elza Soares, reconhecida como a melhor cantora do milênio pela BBC, protagonista de uma vida repleta de dificuldades e, sobretudo, superações. “A cantora do milênio é mulher, negra, brasileira e feminista”³. Sendo estes apenas alguns dos elementos que compõem a personalidade em questão e a torna relevante em ser analisada, principalmente, no que se refere aos quesitos da representatividade e empoderamento feminino.

Elza Soares, filha de uma lavadeira e de um operário, nasceu em uma favela do Rio de Janeiro e logo no começo de sua adolescência já havia se tornado mãe. Por isso, desde cedo teve que buscar sozinha o próprio sustento, posteriormente engendrando em sua longa carreira musical. Porém, mesmo antes de percorrer tal trajetória de sucesso, Elza mostrou-se como uma mulher disposta a quebrar as barreiras sociais impostas pela sociedade. O episódio que marca o início de sua carreira musical, por exemplo, pode ser considerada como uma

³ Para mais informações, acessar: www.revistacapitolina.com.br/a-cantora-do-milenio-e-mulher-negra-brasileira-e-feminista-elza-soares/

comprovação disso, já que - quando Ary Barroso interrogou, em tom de deboche, aquela mulher até então franzina e mal vestida, sobre de que lugar teria vindo – Elza respondeu bravamente: "do planeta fome"⁴.

Na década de 1960, durante os chamados anos dourados, a cantora foi repentinamente celebrada como uma novidade no mundo do samba. Era negra, favelada, mas por trás de sua condição social vulnerável, guardava uma voz singular, rouca e performática, como nenhuma outra havia se mostrado igual. Entretanto, ainda que a partir daquele momento Elza tenha ganhado cada vez mais destaque e sucesso Brasil afora, as dificuldades de ser uma mulher negra não ficaram para trás. Foi justamente nesse período, no qual se envolveu com o jogador de futebol Garrincha, que a cantora sofreu de maneira intensa com o machismo, tendo sido acusada de "bruxa", "vadia"⁵, entre outros termos que as mulheres já são acostumadas a ouvir. No caso dela, lidou com uma série de julgamentos provocados pelo fato de Garrincha ter deixado a esposa anterior para se casar com Elza, isto é, uma mulher negra, periférica e desbocada.

A cantora do milênio, cuja carreira acumula mais de 60 anos, foi, sobretudo, resiliente ao longo de sua vida. Lidou com uma série de dificuldades e preconceitos no âmbito pessoal, o que, conseqüentemente, gerou efeitos em sua música. Elza consagrou-se como artista ao firmar sua discografia no nicho do samba, interpretando músicas de um repertório bastante conhecido no Brasil – o qual era praticamente limitado pelo samba de raiz e pela bossa tradicional. Entretanto, seu último disco, lançado em 2015, é composto por faixas inéditas, bastante contemporâneas e politizadas, tendo como principais temas a violência contra a mulher, a negritude, a degradação das pessoas em face da urbanização caótica, entre outros. Inclusive, vale mencionar que o público-alvo de Elza foi alterado em decorrência dessas transformações de estilo e temática.

"A mulher do fim do mundo", é, então, um álbum bastante peculiar a ser analisado, pois marca uma mudança nos rumos tanto da cantora em questão, a qual pela primeira vez em sua carreira lançou um disco totalmente inédito, quanto da MPB. É claro que esta não foi a primeira vez que um ícone feminino da música nacional clamou pela igualdade de gênero e contra práticas sexistas, porém, ao fazer parte de uma cultura extremamente machista, a MPB é também responsável por reproduzir muitos desses valores arraigados em nosso meio social. Assim, uma música como "Maria da Vila Matilde" que, entre as batidas do samba e da música

⁴ Para mais informações, acessar: <http://www.vermelho.org.br/noticia/272994-1>

⁵ Para mais informações, acessar: www.revistacapitolina.com.br/a-cantora-do-milenio-e-mulher-negra-brasileira-e-feminista-elza-soares/

eletrônica, defende a punição de homens abusivos, pode ser considerada como uma ferramenta importante no processo de reversão do fluxo de poder masculino.

Como foi dito anteriormente, o fato de se existir uma canção que clama pelo empoderamento feminino, ao incentivar a denúncia da violência contra a mulher, desafia as estruturas de poder vigentes na sociedade. Aliás, a própria figura de Elza, uma cantora negra considerada como um clássico da MPB e da música contemporânea, de maneira geral, já realiza, por si só, um contraponto aos discursos e ideologias hegemônicos. Sobre o seu disco, a autora afirma "Eu acho que a mulher do fim do mundo é aquela que busca, é aquela que grita, que reivindica, que sempre fica de pé. No fim, eu sou essa mulher"⁶, tornando ainda mais claro a representatividade feminina por ela exercida.

Sendo assim, ao interpretar uma personagem cansada dos maus tratos cometidos pelo seu parceiro, Elza Soares aciona em sua canção o debate acerca da violência doméstica, temática que, ultimamente, tem sido frequente na mídia. Vale ressaltar, inclusive, o fato de que, algumas semanas após o lançamento do disco, em 2015, o tema da redação do ENEM foi justamente o mesmo tratado na música "Maria da Vila Matilde", considerada a faixa principal do álbum - comprovando que esta questão está, de fato, em alta na sociedade. Porém, para compreender melhor a mensagem transmitida por estes versos e o seu real significado diante de seu respectivo contexto, é necessário evidenciar as forças políticas em jogo (KELLNER, 2001, p. 135).

A situação da mulher negra no Brasil

O Brasil, em sua essência, formou-se a partir de um esquema econômico centrado na figura do senhor de engenho. O senhor de engenho era o patriarca, que, ao concentrar em suas mãos o poder político, econômico e ideológico, possuía uma autoridade que se estendia para além dos limites da casa grande. Tal poderio perpassava por toda a região ao redor de sua propriedade, envolvendo vilas e povoados vizinhos, sem mencionar, é claro, como ele era exercido internamente.

Mas a elite açucareira, ressaltando as figuras masculinas - já que nem a condição socioeconômica era capaz de favorecer o reconhecimento e exercício dos direitos das mulheres brancas, na época - não seria nada sem a sua classe antagônica, formada pelos escravos. Trazidos nos navios em péssimas condições, e tratados de maneira igual em terra firme, constituíam-se como a mão de obra predominante. Os negros foram, assim,

⁶ Para mais informações, acessar: <http://www.vermelho.org.br/noticia/272994-1>

perpetuados como propriedade dos brancos durante todo o período colonial, fato que, apesar de atenuado com o fim da escravidão, interfere até os dias de hoje nessas relações inter-raciais.

Em “Casa Grande & senzala”, Freyre intitulou um de seus capítulos como “o escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro”, designando bem os papéis destinados aos negros, sejam homens ou mulheres. Porém, é na segunda categoria, a feminina, que as relações de poder e dominação são exercidas de maneira mais intensa, pois nela dois fatores desfavoráveis estão sobrepostos: o fato de ser mulher e o de ser negro. Assim, historicamente as negras ocuparam uma condição de subalternidade, à margem de uma sociedade estruturada em relações aparentemente pacíficas, mas que são, na realidade, permeadas pela discriminação de gênero e de raça.

Grande parte dessa noção distorcida de que no Brasil, por ser um país altamente miscigenado, não existe racismo advém da lógica Freyriana dos encontros, marcada pelo equilíbrio de antagonismos. Segundo o sociólogo, a existência de um português plástico e adaptável - isento de todos os tipos de preconceito, exceto os de religião – teria sido responsável pelo mais íntimo dos contatos possíveis entre colonizador e escravo, isto é, a relação sexual. Porém, é importante ressaltar que, na realidade, estava incluído nessa relação um forte caráter de poder e dominação, destoando do tal “lirismo amoroso” (FREYRE, 2006, p.72).

Ainda sobre as relações sexuais entre o português e a escrava, é argumentado em sua obra que um dos motores desse equilíbrio dos contrários seria um dos elementos constitutivos dessas relações: o sado-masiquismo. Ou seja, no trecho em questão, é exposta parte da violência presente nas relações coloniais, no entanto, nesta violência descrita por Freyre está subjacente um voluntarismo da mulher negra, o que pode ser exemplificado na passagem “O que a negra da senzala fez foi facilitar a depravação com a sua docilidade de escrava, abrindo as pernas ao 1º desejo do sinhô-moço” (FREYRE, 2006, p. 456).

Vale salientar que, em diversos momentos como o descrito acima, Freyre corroborou com uma ideia bastante difundida no imaginário do brasileiro comum: a associação dos corpos de mulheres negras à sensualidade, à sexualidade. Afinal de contas, eram as escravas as responsáveis pela iniciação sexual dos filhos dos senhores de engenho, fato que é descrito em “Casa Grande & Senzala” de maneira apaziguadora, já que não menciona o caráter violento - tanto no nível simbólico, quanto no físico - presente. Assim, ao romantizar a miscigenação, a qual foi fruto de uma série de abusos sistêmicos cometidos principalmente contra as escravas, pode-se afirmar que um dos principais estudos sociológicos feito no Brasil

contribuiu para escamotear as diversas formas de violência sofridas pela mulher negra, as quais persistem até os dias de hoje.

É inegável que, com o passar dos séculos, o Brasil foi alterado em face de uma série de mudanças sociopolíticas e econômicas. O estabelecimento de um regime democrático, por exemplo, pode ser considerado como um dos principais fatores que contribuíram para a alteração das relações sociais, pois, ao menos na teoria, todos passaram a ser considerados como cidadãos. Entretanto, na prática, é perceptível que as disparidades de gênero e de raça resistem de maneira gritante, ainda que muitas vezes velada pelos discursos hegemônicos.

Nesse sentido, os meios de comunicação tradicionais desempenham um papel de destaque no que diz respeito à manutenção das estruturas de poder, pois, ao serem comandados por uma minoria social, detentora de privilégios, atendem claramente aos seus respectivos interesses. A organização da mídia brasileira, concentrada em grandes monopólios, propaga, então, os valores de uma sociedade repleta de preconceitos, os quais, por sua vez, operam de maneira subliminar. Assim, por possuir a função de produtora da verdade, a mídia constrói padrões sociais e representações distorcidas que, no senso comum, muitas vezes são absorvidas sem contestação, gerando, por consequência, a legitimação de tais ideologias.

As mulheres negras, por sua vez, continuam desempenhando papéis subalternos, seja na vida real, sejam nas produções midiáticas nacionais. Elas constituem-se, então, como um dos grupos mais vulneráveis da sociedade, sendo vítimas de uma enorme invisibilização, descaso e violência. Violência esta que, em boa parte, é propiciada através da objetificação e hipersexualização dos corpos femininos pela mídia, pois, ao serem “coisificadas”, as mulheres passam a ser consideradas como meros instrumentos subservientes e destinados a satisfazer os desejos dos homens. Nesse sentido, vale ressaltar que, entre as mulheres, as negras são as que mais sofrem com a objetificação propagada pela mídia, pois, como foi dito, historicamente elas foram associadas pelo senso comum como figuras vulgares, de sensualidade e sexualidade exacerbada.

Não é raro encontrar, portanto, casos em que o machismo extrapola as atitudes mais naturalizadas no meio social, a exemplo de julgamentos, cantadas e comentários constrangedores, desembocando em situações extremamente abusivas, tanto física quanto simbolicamente. No nível simbólico, as mulheres negras são o público mais afetado pela imposição dos padrões de beleza propagados pela mídia, os quais se baseiam em um modelo europeu que claramente não corresponde à maioria da população brasileira. Os discursos são também um elemento normatizador de nossa sociedade, através do qual se transmite regras e

sanções as quais o indivíduo possa ser passível (PISSARRA, 2011, p. 47) e, sendo assim, é comum a tentativa de adequação a esses padrões difundidos.

Dentro dos padrões, pode-se verificar uma notável tendência de embranquecimento das mulheres brasileiras, envolvendo, por exemplo, o alisamento de seus cabelos, taxados como “ruins” pelo fato de não serem, em sua maioria, lisos. O resultado disso é uma constante negação, não somente das origens miscigenadas de nosso povo, mas, sobretudo, da identidade negra e suas particularidades, pois os valores legitimados pelo meio social advêm de uma elite interessada em manter as suas estruturas de poder e dominação, subjugando de todas as formas os grupos minoritários.

A mulher negra, então, se vê cercada de dicotomias quando o assunto é o seu corpo, já que, por um lado, o padrão de beleza ocidental é branco, o que proporciona uma fusão entre invisibilidade e exclusão quando se verificam quaisquer tipos de traços afros, considerados como grossos, agressivos, em seus corpos. E, ao mesmo tempo, este corpo é visto de maneira exótica, sendo condenado ao estigma da promiscuidade. A partir disso, as garotas negras são vistas sob um olhar objetificador desde cedo, muitas vezes sendo destinadas à exploração sexual - pois provêm das camadas mais pobres e marginalizadas da sociedade, vulneráveis ao mundo do crime e da prostituição – o que acaba reforçando tal estereótipo.

Em suma, a situação da mulher negra no Brasil é bastante complexa, envolvendo uma série de fatores construídos e naturalizados socialmente, o que favorece o surgimento de uma cultura de resignação frente às injustiças sofridas. Porém, é também verdade que os grupos minoritários, de uma maneira geral, têm procurado meios de se fortalecerem coletivamente, a fim de alterar as estruturas de poder. Tal fortalecimento passa pela busca de suas próprias origens enquanto grupos sociais, pois apenas a partir dela é possível desconstruir os estereótipos perpetuados e, ao mesmo tempo, construir os juízos de identidade de acordo com os seus próprios critérios.

Essa tomada de consciência em relação à importância de se unir com outros atores sociais que, apesar de suas particularidades, possuem interesses e objetivos em comum, é imprescindível no processo de reversão do poder. Para isso, no Brasil, as mulheres tem buscado especialmente nas mídias alternativas um espaço para promover novas discussões e questionamentos acerca de suas condições sociais. Torna-se importante, então, discutir o fenômeno do empoderamento, termo cada vez mais conhecido e difundido pela sociedade civil.

O processo de empoderamento

Atualmente, as chamadas minorias sociais, isto é, os grupos historicamente subjugados, têm expandido sua luta para além dos espaços públicos tradicionais. Os sistemas políticos estão mergulhados em uma crise estrutural de legitimidade (CASTELLS, 1996, p.41), pois vivemos em uma sociedade em rede, que estabelece seus elos de produção, interação e trocas através da rede mundial de computadores. Assim, com a popularização da Internet, deu-se voz a indivíduos antes excluídos dos debates públicos, os quais agora possuem a possibilidade de expor seus respectivos pontos de vista. Ainda que nem todos disponham dos capitais necessários para a utilização dessa ferramenta, é inegável que ela propiciou uma relativa democratização de opiniões.

Tal democratização, é claro, veio para os dois lados do meio social – as minorias e as elites -, porém, os discursos de desconstrução dos mecanismos de poder passaram a ser cada vez mais disseminados, visto que antes, nos meios tradicionais, mal havia um espaço para eles. Os novos discursos ganharam, então, mais visibilidade e repercussão, fato que propiciou a mudança de atitude de muitos indivíduos que se identificaram, de alguma maneira, com a contra hegemonia. Surge o empoderamento, neologismo que vem da palavra inglesa *empowerment* e significa “obtenção, alargamento ou reforço de poder, (...) referindo-se majoritariamente ao aumento da força política, social ou econômica dos grupos alvos de discriminação” (CASTELLS, 2013, p.45).

O empoderamento opera, então, fazendo com que as minorias sociais se utilizem de mecanismos de poder, de maneira a influenciar as demais instituições civis. Um de seus aspectos mais característicos é a tentativa de reversão do processo de estigmatização, que se dá a partir da apropriação de elementos e atitudes ligadas a julgamentos negativos nos discursos tradicionais, sendo convertidos em símbolos de seus direitos e autonomia enquanto cidadãos pertencentes a um grupo específico. Portanto, uma mulher negra que não se sujeita ao alisamento do seu cabelo – por considerar tal atitude como uma negação de sua própria identidade – pode ser considerada empoderada, por exemplo.

O empoderamento feminino através da MPB

De uma maneira geral, tem se verificado uma forte tendência de mobilização feminina frente às diversas problemáticas que tem sua origem no patriarcalismo vigente. Com a popularização da internet, alguns já afirmam a existência de uma nova primavera feminista – ou da quarta fase do movimento -, a qual se manifesta em suas diversas interseccionalidades. As discussões, hoje, não mais se limitam meramente ao questionamento das desigualdades de

gênero ou das estruturas sociais que legitimam a exploração das mulheres, mas perpassam, inclusive, por uma crítica ao que seja a categoria feminina.

Nota-se uma necessidade de discursos alternativos para a alteração dos fluxos de poder (CASTELLS, 2013, p.48), pois, considerando a mídia como uma instituição detentora deste, é fundamental que ela passe a ser questionada e, sobretudo, transformada no sentido de contemplar as novas demandas. As mulheres, dentro de tal contexto, buscam diferentes espaços para trazer à tona suas questões, aumentando, por consequência, a sua participação e capacidade de influência no meio social. No caso do Brasil, hoje em dia, a MPB pode ser destacada como um dos ambientes encontrados pelas mulheres para denunciar o machismo e, ao mesmo tempo, solidificar representações femininas mais fidedignas à realidade, não mais definidas exclusivamente pelo que se espera delas.

As representações podem ser compreendidas como as noções que se formam em relação a determinados grupos, indivíduos, entre outros elementos que compõem nosso cotidiano, sendo reflexos diretos das normas, formais ou informais, estabelecidas em sociedade. Nesse sentido, é importante destacar que:

(...) as coletividades hoje não poderiam funcionar se não criassem representações sociais baseadas no tronco das teorias e ideologias que elas transformam em realidades compartilhadas, relacionadas com as interações entre pessoas que, então, passam a constituir uma categoria de fenômenos à parte. (MOSCOVICI, 2003, p.48)

Isto é, as representações sociais são o que dão sentido às interações entre as pessoas, ainda mais em uma sociedade que, sob a influência dos meios de comunicação de massa, sente uma necessidade constante de reconstruir o senso comum. Por isso, os movimentos e grupos minoritários, a exemplo das mulheres negras, que buscam o empoderamento através da mídia, dão destaque para a questão das representações disseminadas pelos discursos - já que elas são fundamentais na construção destes e, conseqüentemente, das relações sociais.

Nesse sentido, os meios de comunicação de massa, como instituição de extrema relevância na sociedade contemporânea, veiculam narrativas e imagens que fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos (KELLNER, 2003, p.9). No caso do Brasil, a música ocupa um lugar de destaque no que diz respeito à cultura da mídia, pois o gênero musical difundido como símbolo identitário do nosso país tem suas origens justamente nos festivais de música promovidos pela televisão da década de 60. A Música Popular Brasileira, mais conhecida como MPB, foi mais uma tentativa de produzir uma música brasileira “nacional” e que, portanto, disseminou uma série de representações que se legitimaram em nossa cultura.

A MPB, inevitavelmente, foi construída a partir das raízes de uma cultura marcada pelas discriminações de gênero. Ainda que em muitos momentos, a exemplo da Ditadura Militar, tenha desempenhado um papel contestador, a MPB se constitui como um gênero bastante híbrido, influenciado pelos mais diversos segmentos sociais. De qualquer maneira, como elemento pertencente à cultura da mídia, a qual cria formas de dominação ideológica que reiteram as relações de poder, ao mesmo tempo em que fornece instrumento para a construção de identidades e resistência (KELLNER, 2003, p. 10), é também um ambiente repleto de contradições. Contudo, é notável que o tempo da “Amélia” considerada “uma mulher de verdade”⁷, porque era submissa e obediente, tem, aos poucos, ficado para trás.

Clarice Falcão, Pitty, Karina Buhr, Karol Conká e Elza Soares⁸, entre outras, fazem parte do grupo de mulheres que, recentemente, lançaram músicas que abordam as temáticas de gênero, questionando de diferentes formas as estruturas de poder e dominação vigentes. Elas representam, então, a luta das mulheres pela conquista de seus respectivos espaços, atentando, neste caso em específico, para os valores disseminados pelos discursos midiáticos. Além disso, nota-se que todas compõem um cenário mais alternativo da MPB, cujo público majoritário é formado pela parte mais jovem da população brasileira. Isso se explica tanto pelo fato de que tais artistas surgiram ou se popularizaram através da Internet - o qual se constitui como um meio mais aberto para as novas ideologias e representações - quanto porque são os jovens aqueles que têm protagonizado, nos últimos anos, a luta pelo empoderamento, em especial através da mídia.

Dentro desse nicho de artistas que fogem um pouco do *mainstream*, justamente pelo fato de não perpetuarem os valores hegemônicos do discurso ao buscarem um processo de alteração das relações verticalizadas, destaca-se a dama negra da MPB, Elza Soares. Considera como a cantora do milênio, Elza, apesar de hoje integrar esse nicho mais alternativo da música – que, por consequência, atinge um público mais restrito – é uma das poucas artistas, de fato, consagradas na MPB que lançou um disco com forte sentido político recentemente. Dessa forma, mesmo desafiando as estruturas de poder, o que, aliás, sempre foi feito por Elza, o disco “A mulher do fim do mundo” conseguiu alcançar uma considerável repercussão no meio cultural.

⁷ Personagem da música “Ai, que saudades da Amélia” (1941), de Ataulfo Alves e Mário Lago

⁸http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/11/22/internas_viver,611649/uma-nota-pela-igualdade-como-as-mulheres-tem-usado-a-musica-contra-o-machismo.shtml

O álbum citado anteriormente, lançado em 2015, foi bastante aclamado pelo público, além de ter vencido diversas premiações⁹ importantes no cenário musical contemporâneo. Por sua vez, uma de suas faixas mais conhecidas, “Maria da Vila Matilde”, também angariou uma série de prêmios, fato que deve ser comemorado, em especial, pelas mulheres negras, as quais se constituem como as maiores vítimas da problemática trazida pela música, que é a violência doméstica. Vale mencionar, é claro, o fato de que isso representa parte do processo de conquista dos espaços da mulher negra na sociedade brasileira, e, conseqüentemente, dos discursos, fundamentais no processo de alteração dos fluxos de poder. Nesse sentido, é importante discutir mais detalhadamente como a temática do empoderamento é acionada por Elza na música em questão.

Maria da Vila Matilde: a tomada de consciência individual e coletiva

Marcada por um forte tom irônico e contestador, a música em questão conta a história de uma personagem feminina que toma consciência dos abusos que sofria e decide denunciá-los não somente para todos em sua volta, mas também para as autoridades capazes de punir o agressor. “Cadê meu celular?/ Eu vou ligar pro 180/ Vou entregar teu nome/ E explicar meu endereço”: são estes os versos iniciais da canção, que deixam claras as atitudes a serem tomadas por esta mulher que, como será percebido posteriormente, não aguenta mais sofrer com as agressões e desmandos de seu ex-companheiro. Ela continua o seu relato fazendo questão de ressaltar que a situação não é mais a mesma de antes e que, se for preciso, agirá por conta própria para se defender: “Aqui você não entra mais/ Eu digo que não te conheço/ E jogo água fervendo/ Se você se aventurar”.

Na música, Elza segue mostrando o que vai ser feito para que, no final das contas, o tal agressor seja humilhado diante da vizinhança e então se arrependa do que fez com ela. Literalmente solta os cachorros e diz: “Eu quero ver/ Você pular, você correr/ Na frente dos vizinhos/ Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim”. Entre esses versos, vale destacar o último pela quantidade de vezes em que é repetido na música, fato que demonstra parte da importância desta no sentido de empoderamento feminino - pois sua essência é justamente a reação diante do quadro de violência contra a mulher. Aliás, pode-se afirmar que essa mesma atitude deve ser estendida para todas as outras formas de violência – físicas e simbólicas - sofridas pelas mulheres no cotidiano brasileiro, algo que, de certa forma, é trazido à tona pela

⁹ Eleito como o “Melhor álbum” de 2015 pela revista Rolling Stone Brasil, pelo blog de crítica musical Notas Musicais e pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Vencedor do Grammy Latino na categoria “Melhor álbum de MPB” e do Prêmio da Música Brasileira em 2016.

música. Isto é, ao clamar pela denúncia dos maus tratos, incentivando que a mulher não permaneça em resignação diante dos abusos sofridos, “Maria da Vila Matilde” cumpre um forte papel de conscientização social, indo além da questão de denunciar a violência doméstica como um caso específico.

A cantora continua, com um tom de deboche em relação ao agressor, narrando o que vai acontecer a partir do momento em que se recorre à Secretaria de Políticas para as Mulheres (mais conhecida como Secretária da Mulher). Nesse sentido, é importante perceber que Elza fez questão de divulgar, no início da música, o número da central de atendimentos desta instituição, alcançando, portanto, um claro papel de conscientização feminina, visto que muitas vezes as vítimas não sabem a quem recorrer nesses casos. “E quando o samango chegar/ Eu mostro o roxo no meu braço” são dois versos desta passagem, os quais deixam bastante explícito na canção o que deve ser feito pelas mulheres ao discarem o número 180.

O empoderamento, como já foi visto, opera a partir da tentativa de reversão, ou pelo menos atenuação, do fluxo de poder tradicional. Ou seja, para que ele ocorra, é fundamental que sejam problematizados os valores e estruturas que perpetuam a subjugação das minorias sociais, os quais são disseminados não somente pela mídia, mas também a partir de instituições como a família. Nos seguintes versos: “E quando tua mãe ligar/ Eu capricho no esculacho/ Digo que é mimado/ Que é cheio de dengo/ Mal acostumado/ Tem nada no quengo”, Elza dá visibilidade a uma questão de extrema relevância nesse contexto de propagação de valores e comportamentos, que é a educação. Pois, quando afirma que vai expor as condutas do agressor para a mãe dele - a qual, em seu papel de genitora, é uma das responsáveis pela formação do filho enquanto indivíduo - a cantora nos leva a repensar determinados aspectos presentes na educação informal. Entre tais aspectos, pode-se exemplificar o fato de ser perpetuada nas famílias, em geral, a noção de que a mulher deve estar à serviço do homem, o que o torna “mimado” e “mal acostumado”, conforme é expresso na canção.

“Maria da Vila Matilde” segue, assim, questionando de diversas maneiras o autoritarismo masculino favorecido pelas estruturas de poder e dominação presentes em nossa sociedade patriarcal. Após a repetição do refrão, chega o momento em que a indignação da cantora é expressa de maneira mais intensa nos versos, nos quais ela diz: “Mão, cheia de dedo/ Dedo, cheio de unha suja/ E pra cima de mim?/ Pra cima de *moi?*/ *Jamé*, mané!”. Como a canção fala em específico sobre a violência doméstica, subtende-se que essa mão levantada em direção à personagem faz referência direta ao momento de sua

agressão. Porém, analisando o contexto da própria música, cercado pelo combate de Elza quanto às formas de poder tradicionais exercidas na sociedade brasileira, essa "mão, cheia de dedo" representa também o homem autoritário, o qual é permeado pela crença de possuir uma série de direitos em relação às mulheres e seus corpos.

Ainda sobre os últimos versos, é perceptível que a cantora, individualmente consciente de sua condição enquanto mulher negra, ressalta que nenhum homem vai se sentir no direito de levantar a mão em sua direção. Ela representa, então, aquela que não se curvará diante das injustiças e desigualdades, fazendo, portanto, um contraponto à visão da mulher tradicionalmente veiculada pelos meios de comunicação. Consequentemente, ao propagar em sua música uma representação feminina diferente da comum, utilizando critérios próprios de alguém que possui autoridade para isto, Elza Soares contribui na formação de uma consciência coletiva das mulheres brasileiras quanto às suas respectivas situações. O empoderamento feminino é, assim, acionado pelos discursos alternativos da mídia.

Considerações Finais

A sociedade brasileira, formada a partir de determinadas ideologias e valores perpetuados, em boa parte, através dos discursos midiáticos, verifica, hoje, um processo de mudança quanto ao exercício do poder. Ainda que haja um longo caminho a ser percorrido até que as diferentes formas de autoritarismo e subjugação sejam questionadas e, sobretudo, modificadas, é inegável a presença de uma relativa tomada de consciência quanto a estas, protagonizada pelas minorias sociais.

As mulheres podem, então, ser compreendidas diante deste fenômeno de empoderamento, o qual tem repercutido de diversas maneiras, inclusive a partir de elementos da cultura da mídia, a exemplo da MPB. Já que muito do que se constrói na sociedade contemporânea advém dos comportamentos, valores e personalidades presentes nos meios de comunicação, figuras como Elza Soares, cuja vida e obra representam uma série de enfrentamentos ao *status quo*, são de extrema relevância para o processo de alteração das estruturas de poder e dominação vigentes. “Maria da Vila Matilde” serve, assim, como um contraponto a tais ideologias hegemônicas, tanto devido aos significados nela contidos, quanto pelo que ela representa diante de seu contexto social. Contribuindo, consequentemente, para o empoderamento feminino no Brasil, e, em especial, das mulheres negras.

Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1996;

CASTELLS, Manuel. O poder da Comunicação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. 49 ed. São Paulo: Global, 2004. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

MOSCOVICI, S. Representações sociais – investigações em psicologia social. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.